A IMPORTÂNCIA DE RESGATAR AS MEMÓRIAS LÚDICAS DE INFÂNCIA DO EDUCADOR PARA UMA PRÁTICA EDUCATIVA DIFERENCIADA

QUÉZIA MARTINELLI DE SOUZA

RESUMO

O presente estudo investigou a importância do resgate das memórias lúdicas vivenciadas na infância pelo educador para uma prática educativa diferenciada. Objetivou refletir a construção da identidade e as ações de um educador ao resgatar as próprias memórias lúdicas e incorporar em sua prática docente. Utilizou a pesquisa qualitativa e, como recurso metodológico, a narração autobiográfica oriunda de relatos significativos de experiências vivenciadas na infância e refletidas no decorrer do registro. Investigou-se através de pesquisas, relatos de prática e da formação continuada o quanto o brincar contribui para diversas aprendizagens do estudante e para uma prática educativa diferenciada e sensível. Assim, obtiveram-se como resultados, o protagonismo do estudante e do educador, a experimentação de diversos papéis da vida adulta por meio do brincar; a relevância do registro para avaliação e acompanhamento das aprendizagens dos estudantes e do docente. Conclui-se que o resgate das memórias lúdicas vivenciadas na infância pelo educador permite o autodescobrimento, propicia práticas educativas mais lúdicas e diferenciadas, por meio de diversas estratégias metodológicas, criativas, práticas e significativas. Tal conclusão foi possível graças à pesquisa; análises, reflexões e registros durante a formação do curso de Pedagogia, na elaboração de um portfólio. PALAVRAS-CHAVE: Resgate; Memória; Lúdico; Docente; Práticas.

1 INTRODUÇÃO

Inicio com o seguinte questionamento: por que é necessário “vasculharmos” nossa memória, fatos que estão adormecidos no nosso inconsciente? Se muitos deles são tão amargos?

Realmente é difícil imergir na caixa das lembranças: a memória! Para acioná-la é preciso fazer uma árdua reconstrução! Imagens, fatos, acontecimentos e situações que às vezes nos fazem chorar. São cenas que passam e repassam em nossa mente, nos nossos olhos e no nosso coração que nos inquietam. Portanto, para me auxiliar na difícil missão dessa pesquisa me inspirei no texto de Kenski sobre memória.

São vários os sentidos de memória citados por Kenski (1995, p. 140 a 157): mitológico, orgânico, emocional, social, cultural, ficcional, tecnológico e virtual. Mas na hora que voltamos às lembranças, as memórias se tornam únicas, se entrelaçam, ou seja, todos os sentidos de memória se unem em uma só!

Considero todos os sentidos de importantíssimo valor, mas para mim, a mais valiosa, deslumbrante e encantadora é o sentido emocional. Ela faz nossos olhos se debulharem em lágrimas, nosso olfato sentir aromas, flashbacks passarem diante de nossos olhos... É como se fizéssemos uma regressão ao passado, o revivendo à distância, mas ao mesmo tempo de maneira muito presente. Para Proust (IN Kenski, 1995, p. 145) “recupera-se o passado vivido no momento presente e, então ele se descaracteriza como realidade”.

Realmente, foi necessário fazer uma introspecção, um retrospecto da minha infância, da minha vida. Quantos fatos estavam anestesiados em minha memória! Descubro agora que muitas lembranças (as quais tive que recuperá - las) tristes e alegres, experiências valiosas e difíceis, e outros fatores foram essenciais e determinantes para mi-

nha formação pessoal e profissional.

Descobri também que tudo que vi, senti, vivi e experenciei preciso resgatar, trazer para o presente, porque é a minha história de vida, que se constitui para construir a minha própria identidade.

Nos relatos de infância, recordei-me um pouquinho da criança que fui, do significado do meu nome, da presença dos meus pais e do meu tio que foram importantíssimos na minha infância. E também da igreja que posso afirmar com convicção que foi minha comunidade, pois foi lá onde nasci, cresci e vivi muitos sentimentos, emoções, onde construí várias relações e onde nasceu meu sonho de ser educadora!

E assim, lembrando um pouquinho daqui e dali, fui me descobrindo, me conhecendo melhor (defeitos e qualidades, capacidades e limites, sonhos, dúvidas, esperanças, temores...) sem ao menos saber que eu tinha tal intenção.

Respondo o questionamento que fiz no início e percebo que ao “vasculharmos” nossa memória, os fatos adormecidos no nosso inconsciente, somos agraciados pela cura! Fazer a própria história de vida é um excelente remédio para curar as dores, sarar os esquecimentos, as lembranças dolorosas, os fatos amargos! Mas também é um meio de revivermos os bons momentos desfrutados, sim, aqueles instantes em que rimos sem motivo, brincamos até se cansar, comemos e bebemos até nos satisfazer, enfim momentos em que estávamos de mãos dadas com a felicidade!

Sejam bem-vindos a caixa das minhas lembranças, uma viagem ao meu interior, a minha história de vida!

Ao descobrimento de uma educadora que busca práticas educativas diferenciadas e que ultrapassem os muros da escola.

RELATOS DE INFÂNCIA ESTOU CHEGANDO...

Pedro Martinelli de Souza, nascido em Gravatal – Santa Catarina, veio morar em São Paulo, a fim de tentar uma vida melhor e chegando aqui foi trabalhar na padaria Dancin Days. Maria Lendete Ferreira de Oliveira Souza, nascida em Icó – Ceará, também veio para São Paulo em busca de uma vida melhor.

Todas as manhãs e tardes, ela ia a esta padaria comprar pães e lanches. Era uma freguesa fiel. Foi ai que conheceu o Pedro. Ele pegava na mão dela, colocava alguns pães a mais... Um foi se apaixonando pelo outro e em abril de 1980, Lendete o convidou para ir ao cinema assistir o filme de John Travolta: Grise no Tempo da Brilhantina. E a partir daí, começaram a namorar e o amor foi crescendo e crescendo, superaram muitos desafios e obstáculos, como a distância de bairro, por exemplo. Depois de dois anos de namoro, chegou o grande dia: 13 de Maio de 1982, eles casaram!

No casamento enfrentaram alguns problemas financeiros e algumas diferenças, mas aos poucos foram superando e o amor foi vencendo. E estão unidos perante Deus e os homens a trinta e seis anos.

Minha mãe ficou grávida por duas vezes e sempre com três meses de gestação perdia o bebê. Depois de oito anos de casados e de alguns tratamentos, em 1988, minha mãe novamente engravidou, e de novo enfrentou muitos problemas durante a gestação, mas graças a Deus conseguiu segurar o bebê, que agora sou eu.

Finalmente dia 16 de abril de 1989, às 21 horas e 15 minutos, no Hospital Cristo Rei, no bairro do Tatuapé em São Paulo, fruto da união de um catarinense com uma cearense chega ao mundo uma linda paulistinha ariana, com mais ou menos 2 kilos: Quézia Martinelli de Souza!

Esse ano que nasci foi marcado por alguns acontecimentos extraordinários: a Queda do Muro de Berlim, as realizações

das primeiras eleições presidenciais diretas após o golpe de 1964. Nas quais no segundo turno, foi eleito Fernando Collor de Melo, do PRN, derrotando Luís Inácio Lula da Silva, do PT. Antes de Collor, quem governava o Brasil era José Sarney.

O Brasil ficou 40 anos sem ganhar a Copa América, e justamente nesse ano, Dunga – jogador da seleção brasileira – se tornou um especialista em Copa América, teve a felicidade de ajudar nosso país a ganhar esse título, sendo campeão.

Nasci pelo método Fórceps, foi muito sofrido para minha mãe. Quase morri ao nascer, o médico afundou um pouco minha cabeça e cortou a pele debaixo do braço, ao qual ficaram só no ossinho pendurados.

Minha mãe e minha avó, durante várias semanas tiveram que me levar ao posto de saúde para fazer curativos no braço. Todos disseram que meus pais deveriam ter processado o hospital por tamanha barbaridade. Mas graças a Deus sobrevivi e estou aqui para relatar um pouco da minha história.

POR QUE, QUÉZIA?

Quem escolheu esse nome foi meu pai. É um nome bíblico, se encontra no livro de Jó, capítulo 42, versículo 14. Significa planta cheirosa, canela, casca aromática, em hebraico se diz Cássia.

Jó foi um homem muito batalhador, humilde e fiel a Deus. Perdeu tudo que tinha, num mesmo dia seus 10 filhos morreram, mas não desistiu de viver e seguiu em frente. Mas foi recompensado: Deus o abençoou e ele ganhou em dobro, tudo que havia perdido. E nessa segunda fase de sua vida de alegrias, teve três formosas filhas e uma delas lhe deu o nome de Quézia. Então Quézia faz parte da recompensa, da alegria e da colheita. Por isso tenho esse lindo nome.

MINHAS MANHAS, MEU JEITINHO...

Desde bebê, eu era muito chorona e dengosa. Mas quando meu pai me colocava no colo e começava a cantar e me balançar eu parava de chorar imediatamente. Não largava por nada o Fofão – um boneco de pano costurado a mão, seu chapéu era rosa, sua calça vermelha, seus sapatos pretos e gravata rosa – eu ficava com ele 24h, tinha tanto ciúmes dele que não deixava ninguém chegar perto.

Outra companheira inseparável era a chupeta, que me acompanhou até os dez anos de idade, eram duas chupetas: uma eu cheirava e a outra eu chupava.

Costumava dormir sempre com duas fraldinhas de pano: uma eu colocava cobrindo o ouvido e a outra eu segurava a noite toda.

Até quase os seis anos de idade usei fralda de pano - hoje as crianças só usam fraldas descartáveis - no meu tempo, era muito caro comprá-las. Então para eu não fazer xixi na cama, minha mãe colocava a fralda de pano com o alfinete e depois uma calça plástica.

Também sempre dei trabalho para comer, mamei nos seios da minha mãe só até três meses de idade. Não tomava toda a mamadeira e para comer a comida, minha mãe tinha que ir comigo para a janela e ficar fazendo “aviãozinho”.

Desde que nasci sempre fui sensível e frágil, qualquer coisa, ficava doente, vivia tomando remédio para a garganta, gripe... Mas sempre fui uma criança carismática.

NUM SÍTIO MUITO DISTANTE

De três em três anos minha mãe sempre viajava comigo para o Ceará, para visitar minha avó e meu avô, primos e primas, tios e tias. Lá onde a família da minha mãe mora é zona rural, não tinha água encanada e nem

energia elétrica - só a partir de 2006 que chegou energia.

Então eu que sempre vivi na cidade, quando fui lá pela primeira vez fiquei pasma. Para começar, a rotina é bem diferente. Eles acordam por volta de quatro a cinco horas da manhã. Os homens vão para a roça e as mulheres para o rio, lavar roupa e depois limpam a casa e fazem o almoço.

Quando é em torno de dez a onze horas da manhã, já estão almoçando. Lá pelas três tiram um cochilo. E às dezoito horas já estão jantando e tudo já escureceu, a noite chegou. Então ficam nos alpendres (varandas) “batendo papo”, falando como foi o dia, etc. Quando o relógio marca entre vinte e vinte e uma horas já estão todos dormindo em suas redes.

Lá algumas palavras e expressões são diferentes das nossas daqui: “acolá” (ir lá), “pescar na prova” (colar na prova), “avexado” (apressado), “mês que entra” (mês que vem), “semana que entra” (semana que vem), “tu” (você), “mulé” (mulher), costumam tratar as pessoas que tem afinidade por “compadre” e “comadre”, entre outras.

A vida lá é muito tranquila, todo mundo conhece e cumprimenta todo mundo. Tem-se contato direto com a natureza, se respira um ar saudável, se ouve o canto dos pássaros e o som que outros animais emitem, o barulho das águas, o sol, a lua, as estrelas são visíveis aos nossos olhos, colocar o pé na terra, sentar nas pedras... Uma delícia!

Aos fins de semana, as pessoas costumam ir a missas e festas, às vezes até em outras cidades pequenas vizinhas.

Eu amava o dia, era uma maravilha: brincava o dia todo com minha prima de casinha e de boneca. Os pratos que usávamos para brincar era os cacos dos pratos que sua mãe usava em casa e que quebrava ou rachava. Os copos eram as tampas de garrafa, os talheres eram pedacinhos de madeira. Para fazer o fogão, juntávamos um monte de folhas, enfim todos os brinquedos nós improvisávamos e criávamos, afinal a vida lá é muito simples e humilde. As roupas das bonecas eram feitas com retalhos, costuradas a mão. Brincávamos embaixo das árvores, sentadas no chão de terra, tudo ao ar livre sem perigos.

Lembro-me como se fosse hoje, certo dia eu e minha prima, a fim de cozinhar a comida para as bonecas, pegamos arroz e feijão escondido, colocamos numa vasilha, em cima de umas pedras, acendemos a fogueira e enquanto a comida cozinhava, eu e minha prima ficamos debaixo da árvore chupando cana de açúcar. Que saudades desse tempo!

Também íamos à cachoeira ou ao rio tomar banho, às vezes nossas mães iam ao poço, pegar água em um balde e nós tomávamos banho em casa mesmo, com uma caneca ou lata de óleo limpa e vazia. Eu andava a cavalo e jumento, aprendi a nadar, brincava com as outras primas e primos de cobra cega, passa anel, amarelinha, batata quente, estátua, vivo ou morto, corre cotia, telefone sem fio, dança das cadeiras, roda, ciranda...

Geralmente essas viagens duravam um mês, eu demorava me adaptar, mas na hora de vir embora chorava muito, pois sabia que novamente iria voltar para a “gaiola” (prédio, cidade grande, barulho, poluição, etc.) e lá eu me sentia livre como um pássaro que está fora da gaiola e pode voar.

Enfim experimentei um mundo novo e conheci um pouco da infância onde os brinquedos não funcionavam sozinhos, era preciso que as crianças inventassem e dessem vida a eles. É muito mais interessante, as brincadeiras de antigamente, pena que as crianças de hoje desconhecem esse tesouro. Atualmente os brinquedos e brincadeiras já estão prontos, sem graça, sem imaginação, porque a criança só pode olhar, o brinquedo brinca sozinho.

O FAZ-DE-CONTA

Por se criada em apartamento e morar num bairro onde predominado pelo comércio - o Brás - não fui uma criança de brincar na rua e de ter muitos amigos. E também por ser filha única, fiquei mais em casa com meus pais. Só fui para a escola com seis anos, já para completar sete (1ª série). Enquanto isso ficava o dia inteiro com minha mãe, ela ficava fazendo os serviços do lar e eu ficava brincando.

Recordo-me de alguns brinquedos e lembro que o que eu mais gostava de fazer era de brincar de faz-de-conta. Eu representava e elaborava diversos papéis, através deles exerci um pouco de cada profissão descrita a seguir.

Mamãe e filhinha: ganhei da amiga da minha mãe (a Penha) uma boneca idêntica a um bebê, de nome Chameguinho, com uma chupeta rosa e um macacão branco com bolinhas coloridas. Eu a colocava num carrinho muito parecido com o carrinho de bebê, era um sonho, levava ela para passear, ao médico, para fazer compras, colocava para dormir, colocava até uma fralda nela para "não fazer xixi na cama", dava mamadeira... Eu fui uma verdadeira mãe para esse neném;

Também brincava de mamãe e filhinha com as Barbies. Eu tinha a casa completa da Barbie (que minha mãe comprou com muita luta), então eu montava e desmontava (brincava dia e noite), as levava para fazer compras, tomar sol e banho de piscina, fazer comida, limpar a casa, arrumar o guarda roupa delas, eu elaborava toda uma rotina para elas.

Fui médica: eu tinha um kit de médico (primeiro socorro). Minhas bonecas eram as cobaias. Eu fazia curativos nelas, dava injeção, remédio, às vezes queria até fazer cirurgia, coitadas.

Exerci o papel de secretária: tinha uma mesinha de madeira com duas cadeiras, colocava na mesa muitos papéis, canetas, telefone, grampeador, clipes, durex, enfim todo material que eu achava que uma secretária usasse. E fingia estar trabalhando e falando com as pessoas, imaginava nomes e pessoas, quanta saudade.

Também fui professora: as bonecas eram as alunas, eu as colocava sentadas em várias cadeiras, colocava uma lousa pequena na parede, pegava giz e apagador e passava lição na lousa para elas. Dava bronca, corrigia os cadernos, fazia chamada (com diários de mentira)...Imaginava realmente ser uma professora e estar numa sala de aula.

Imaginei ser operadora de caixa: com uma caixa registradora (guardei até hoje) eu imaginava que trabalhava num supermercado e era a operadora de caixa, as pessoas iam fazer compras, passavam no caixa, eu calculava o preço dos produtos, emitia a nota, recebia o dinheiro, dava o troco e embalava as mercadorias. Ou então eu imaginava que era a cliente e que ia fazer compras, então eu levava "dinheiro de mentirinha", chegando no supermercado colocava as coisas dentro de um carrinho. Eu montava um mini supermercado dentro da minha casa, com prateleiras e vários produtos, com tudo que tinha direito, deixava minha mãe maluca.

Vendia frutas com minha cesta recheada de frutas de plástico, que considerava ser reais: eu montava banquinhas e imaginava ser feirante, colocava até preço no kilo das frutas ou então eu fingia ser a freguesa que foi a feira comprar frutas, ai eu escolhia as frutas, pagava e chegando em casa fazia salada e comidinha para as bonecas.

Montava a igreja dentro de casa: levava "minhas filhinhas" à igreja - eu imaginava estar numa igreja - pois desde que nasci sou evangélica, então eu fazia um culto em casa com minhas bonecas, lia a bíblia a elas, cantava, orava, até chorava de tanta paz e alegria que sentia.

Fui dona de casa: com uma tábua de passar roupa e ferro de plástico, eu imitava

minha mãe passando roupa: pegava as roupas das bonecas, “passava” e depois dobrava. Com as panelinhas e o fogão de plástico: eu brincava de fazer “comida de mentirinha” para as bonecas, para mim, meu pai e minha mãe. Com uma vassoura e rodo de brinquedo eu imitava minha mãe limpando a casa.

Quando criança eu pedi para ela colocar na parede um varalzinho (preso por dois pregos), para que eu pudesse pendurar as roupas e cobertores das bonecas. Eu fingia ter lavado as roupas, as pendurava no varal e as prendia com prendedores de madeira da minha mãe, a fim do vento não derrubar as roupas e não sujá-las.

Olha até onde minha imaginação voava, incrível... Cantora: com um piano vermelho e um microfone eu fingia estar cantando e tocando.

Com uma máquina de costura rosa, que costurava de verdade, eu fazia as roupas das bonecas. Até minha mãe entrou na brincadeira, ela tinha uma máquina de costura verdadeira, grande de madeira, então fazia roupas e cobertores para minhas filhinhas, ou seja, elas eram vestidas pela minha mãe e costureira Lendete.

Em relação a esses diversos papéis que experimentei no faz-de-conta, Kishimoto (2005) denomina de jogo simbólico, no qual a criança começa a alterar o significado dos objetos, dos eventos, a expressar seus sonhos e fantasias e assumir papéis presentes no contexto social. Foi o que aconteceu comigo.

Na brincadeira do faz-de-conta, o imaginário infantil é concretizado na expressão da criatividade dos protagonistas do ato lúdico e na transformação de materiais disponíveis na natureza e no cotidiano social. Kishimoto (2005, p.39).

Sendo assim, fui protagonista, exerci a criatividade e transformei materiais ao meu redor.

BRINQUEDOS INESQUECÍVEIS!

O Fofão (meu xodó): dormia e acordava com ele, ficava 24h com ele, eu era extremamente ciumenta, se alguém pegasse de mim, eu chorava e chorava, ele era meu melhor amigo.

Tinha também um sofá vermelho de ursinhos brancos e a cadeira amarela onde eu sentava para cantar cantigas, contar histórias e colocar as bonecas para dormir, Uma girafa de plástico (imaginava estar num zoológico), telefones de plástico: fingia que alguém tinha me ligado e que eu estava falando com alguém. Uma caixinha de música; alguns ursos, bola, brinquedos de montar e encaixar, ioiô, puxa-puxa.

E nas folgas do meu pai brincávamos de vareta, esconde – esconde (atrás de sofá, cortina, debaixo da mesa e da cama) e de jogo da memória.

Enfim, na minha infância eu viajei na imaginação, criava, recriava e inventava. Vinte quatro horas era pouco para eu brincar, eu cantava, falava sozinha e com as bonecas. Nem via o tempo passar. Eu não tinha televisão (só vim ter TV aos 13 anos), não fazia ideia do que era um computador, videogame e celular, só de plástico mesmo.

É lamentável que hoje com a influência da mídia e o avanço da tecnologia, as crianças estão se tornando adultos precoces, perdem horas e horas frente a um computador, videogame e televisão. As meninas estão trocando as bonecas por maquiagem e celular. E os meninos brincam mais é de luta, tiro, só brincadeiras violentas. Não sabem o que é brincar de verdade. Tudo já vem pronto.

CONCLUSÃO

Por meio deste registro - de transferir para o papel a criança que eu fui, os momentos lúdicos dos quais desfrutei - pude concluir que de fato, a infância em especial, os

momentos lúdicos influenciaram muito minha formação pessoal e profissional.

Até os meus quinze anos - e não tenho vergonha de dizer isso - eu era uma pessoa extremamente tímida, introvertida, insegura, indecisa e até tive problemas de interação. Queria ser perfeita, não aceitava erros, eu me cobrava e me culpava por qualquer coisa, queria agradar a todos, enfim era muito rígida comigo mesma. Atribuo tudo isso ao fato de que na minha infância - apesar de eu ter brincado bastante sozinha - não interagi muito com outras crianças, pela razão de ser filha única, morar em apartamento e só ir para a escola praticamente com sete anos.

Conforme os anos escolares foram avançando, comecei a amadurecer, ter outras opiniões, ver o mundo, as pessoas e a vida com um outro olhar. Depois do primeiro emprego e, em especial, o ingresso na graduação de Pedagogia, me tornou uma pessoa mais segura, decidida, sociável, guerreira, sonhadora e capaz de concretizar minhas metas.

Relatei trechos da minha infância, a fim de realçar a importância de a criança interagir, frequentar a escola e ter momentos lúdicos. Pois a falta do lúdico cria pessoas difíceis, egocêntricas, ranhetas, geniosas e teimosas. Confesso que mesmo hoje, ainda sou extremamente teimosa, caseira, exigente, organizada, o que para mim, são fatores favoráveis. Acredito, que foi dessa forma que as memórias influenciaram minha formação pessoal.

Segundo Friedmann (2006) quando a criança está brincando, ela troca, socializa, coopera, compete, ganha, perde, emociona-se, grita, chora, ri, fica impaciente, ansioso, aliviado, erra, acerta, imita, medita, sonha, imagina, desafia suas habilidades motoras e de movimento, seus desejos e medos viram realidade. Quando vamos brincar, fazemos um convite a ser nós mesmos.

Seja com meus brinquedos, coleções, brincando sozinha, no sítio ou ainda mais tarde na escola, pude viver e sentir algumas dessas emoções e sentimentos que Friedmann ressalta e também vivenciar o que Brougère (2006) fala: que as relações (de posse, negociações, etc) que a criança constrói com os objetos, elas também as constroem, em mesma proporção no ambiente familiar, escolar e mais tarde no meio profissional.

Creio que foi assim que as memórias influenciaram minha formação como futura educadora, ou seja, me conscientizaram a respeito da preciosidade do brincar na vida da criança. Tal é algo muito sério e deve ser respeitado, a fim “de nossos pequenos” se tornarem adultos decididos, amadurecidos, sociáveis, pessoas alegres, de “bem com a vida”.

Como diz o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, volume 1 (1998): ao brincar a criança melhora sua autoestima, supera progressivamente suas aquisições de forma criativa, experimenta o mundo e internaliza uma compreensão particular sobre as pessoas, os sentimentos e os diversos conhecimentos.

Portanto o brincar deve fazer parte no planejamento do educador, este deve educar e acionar seus sentidos, a fim de ser um profissional reflexivo e observador, sempre com uma atitude ponderada, sábia e sensata. Que consiga em parceria com seus alunos resgatar o prazer do brincar: “colocar a mão na massa”, construir os próprios brinquedos, brincar em contato com a natureza, deixar a imaginação, fantasia e criatividade fluir, voar livremente.

Independente dos fatores favoráveis e/ou desfavoráveis que minhas memórias me trouxeram, estou convicta de que elas contribuíram para que eu me tornasse uma pessoa e uma pedagoga consciente e responsável por meus atos e atitudes, que sempre procura fazer o bem ao próximo e viver da melhor